



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9840 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

## A CONTRADIÇÃO COMO FUNDAMENTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO FORMATIVO

Giselle Carvalho Bernardes - UFG - Universidade Federal de Goiás

Juliana de Castro Chaves - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS

### A CONTRADIÇÃO COMO FUNDAMENTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO FORMATIVO

#### Resumo

Este trabalho faz parte da pesquisa teórica de doutorado “Fundamentos do Conhecimento Científico para a Formação Humana em Theodor Adorno e Max Horkheimer”, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás - UFG. A pesquisa revelou que a contradição é uma categoria importante para o conhecimento científico formativo em Adorno e Horkheimer. Os autores discutem a contradição, principalmente, no debate entre mito e esclarecimento no qual expõem a dialética da ciência moderna que critica a superstição presente no mito por ela expressar a passividade do ser humano diante da natureza, mas que, pelo viés da racionalidade científico-instrumental, também não se reflete e repete a mesma submissão à realidade. Nesse sentido, a rendição do conhecimento científico positivista aos ditames do progresso capitalista revela uma regressão da possibilidade da razão, e por que não dizer da humanidade. É fundamental investigar a contradição que está no objeto, expondo-a na produção do conhecimento, no sentido de sair da aparência que é real e falsa ao mesmo tempo.

**Palavras-chave:** Contradição. Conhecimento. Formação. Teoria Crítica. Adorno. Horkheimer.

Em tempos obscuros em que o neoliberalismo constitui uma sociedade com tendências autoritárias e em que se desenvolvem formas de apreensão de mundo descoladas da realidade, marcadas pela subsunção do conhecimento científico à informação efêmera, à imediatividade que despreza a teoria, na qual a primazia do aparente se contrapõe à história, ao concreto e obstaculiza a reflexão, é mais do que necessário problematizar as contradições que permeiam os enlaces entre conhecimento e formação humana.

Ao longo da história, existem diferentes formas de apreensão do mundo, tais como o conhecimento mitológico, o senso comum, a religião, a arte, a filosofia e a ciência. Embora existam diferentes formas de conhecimento, nem todo conhecimento realiza a formação humana. A formação humana é permeada por uma educação que permita questionar o sentido da vida coletiva, pública, a ética e a política, ou seja, que permita se perguntar sobre o movimento civilizatório no sentido de caminhar para a humanização (COELHO; GUIMARÃES, 2012).

A formação humana busca constituir sujeitos para a autonomia e para emancipação, uma sociedade justa e livre que se contraponha a sociedade da dominação. Nessa perspectiva, a formação humana refere-se a um processo especificamente humano em que o sujeito se constitui e ao mesmo tempo constitui a sociedade, uma apropriação da produção humana objetiva e subjetiva (ADORNO, 2012).

Nesse sentido, é essencial se interrogar não somente sobre o que é conhecimento científico, mas, sobretudo, que conhecimento científico é crítico e capaz de desvelar os impasses produzidos na contemporaneidade.

Este estudo faz parte do Projeto de Doutorado “Fundamentos do Conhecimento Científico para a Formação Humana em Theodor Adorno e Max Horkheimer” ligado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, e tem como objetivo compreender a categoria “contradição” enquanto fundamento para o conhecimento científico formativo a partir de Adorno e Horkheimer, autores da Teoria Crítica da Sociedade. Esses autores oferecem contribuições para se pensar a constituição do conhecimento científico a partir da materialidade histórica e da relação entre sujeito e sociedade. Com relação à metodologia, a partir de uma revisão bibliográfica, realizamos uma pesquisa teórica nos textos de Adorno e Horkheimer “O conceito de esclarecimento” e “Excurso I: Ulisses ou mito e Esclarecimento”, da obra *Dialética do Esclarecimento* de 1944.

Embora a “contradição” não esteja no título das obras dos autores, percebemos que ela atravessa a problematização sobre esclarecimento, mito, conhecimento e formação. Na “*Dialética do Esclarecimento*”, Adorno e Horkheimer (2006) debatem sobre as contradições do progresso do esclarecimento e sobre a reprodução do pensamento mítico no processo civilizatório, em um movimento dialético. A análise dos textos revela a “contradição” como uma categoria necessária para se exercer um conhecimento científico que seja formativo. Os autores abordam a categoria como uma síntese do movimento histórico, como algo que não é fixo, preestabelecido. A “contradição” é uma categoria que pode ser extraída do interior da discussão sobre a relação entre mito e esclarecimento.

Adorno e Horkheimer (2006) ressaltam que o projeto de esclarecimento se contrapõe aos mitos e busca substituir a superstição pelo saber, elevar o pensamento para a instância da autonomia, iluminando-o pela razão para livrar os homens do medo e das relações de submissão. Segundo os autores, a tensão entre mito e esclarecimento marca o movimento de retrocesso da ciência moderna quanto à promessa de uma sociedade humana livre.

O mito em sua forma de dominar as ilusões contém certo elemento esclarecedor, pois por meio dos feitiços ou por outras formas não comprovadas cientificamente, pretende intervir nos processos naturais para organizar o mundo. O feiticeiro busca dominar os “demônios” da natureza assim como o cientista busca dominar e classificar os fatos da realidade, contudo, na magia essa dominação ainda não é negada (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Na ciência, o mito converte-se em esclarecimento, outra forma de dominação que concebe uma visão de mundo que além de ser enganosa, desencadeia uma alienação dos homens com relação as coisas. A alienação não atinge apenas o relacionamento do homem

com as coisas, mas ataca também o cerne das relações humanas que passam a sofrer consequências de um procedimento teórico e prático e resultam na equiparação entre homens e coisas. Além do mais, a relação de cada indivíduo consigo mesmo fica prejudicada, pois por meio do esclarecimento os homens querem manipular a natureza para “dominar completamente a ela e aos homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 18). Dessa forma, o que o conhecimento científico positivista possibilita em termos concretos já residia no mito, sob um desejo de dominar as forças da natureza e serem senhores do mundo.

A substituição da ilusão e da fé pelo conhecimento racional é uma demanda da burguesia que viabiliza a sociedade capitalista. Nesse processo, há uma aposta nas possibilidades da razão para o progresso capitalista, e a razão é reduzida em mero instrumento de exploração da natureza conforme os interesses capitalistas (HORKHEIMER, 2015). Esse modelo de racionalidade centralizado na ciência positivista torna-se o modelo predominante que determina o caminho que a humanidade deve percorrer, e despreza qualquer forma de conhecimento que não se submeta ao critério da calculabilidade e da utilidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Nessa perspectiva, Adorno e Horkheimer retomam a expressão “desencantamento do mundo” para descrever que o abandono da magia que visava possibilitar o esclarecimento, contraditoriamente, termina por conduzir a realidade à ausência de tensionamento, uma racionalidade administrada almejada pela burguesia em prol de manter tudo sob seu domínio que, por um lado leva à falência do mito, por outro conduz a perda de sentido (BRANT SCAREL, 2018).

O esclarecimento apresenta o caráter de repetição que vincula o conhecimento científico ao mito. A objetividade da ciência positivista consiste no fato de que tudo nela pode ser repetido, como um experimento no qual o resultado pode ser previsto. O pensamento invariável, linear e calculável é o princípio que formaliza essa lógica na qual “entre duas proposições contraditórias, só uma pode ser verdadeira e só uma falsa” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 37).

Nesse contexto, o formalismo desse princípio e de toda essa lógica transforma o mundo desconhecido, inexplicável em incógnita de equações e teoremas matemáticos, e o que aparece é uma racionalidade objetiva e a submissão do pensamento. O preço diante do entrelaçamento da opacidade dessa lógica formal e os interesses da sociedade burguesa é a permanente subordinação e obediência à realidade imediata, o que dá continuidade à reprodução do existente, naturalizando a realidade e perpetuando a dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A temporalidade cíclica do mito pressupõe a explicação dos acontecimentos como repetição assim como a ciência moderna. Ao desencantar o mundo em sua aparência, há a conversão da natureza em mera objetividade que restringe o conhecimento à repetição de proposições, transformando o pensamento em tautologia, o que obstaculiza o exercício do imaginar outras formas de vida possíveis, fazendo com que o indivíduo continue passivo, não se exercendo como sujeito transformador (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Nessa perspectiva, Adorno e Horkheimer distinguem o mito e o esclarecimento quanto à representação específica na relação entre o símbolo e seu objeto. Na magia, o símbolo equivale a seu próprio objeto, enquanto na ciência não há mais essa representatividade particular, a representatividade do objeto é universalizada, há uma especialização técnica da linguagem que abandona as tradições e os símbolos que o constituíram fazendo com que a representatividade do objeto passe a ser a mesma em qualquer lugar (DUARTE, 2011).

As discussões elaboradas até aqui evidenciam que, na identidade de tudo com o todo,

“o que seria diferente é igualado” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.23), reduzindo tudo a um denominador comum. A separação entre intelecto e sensível, entre conhecimento e realidade, rompe o vínculo entre sujeito e objeto e abandona a tensão, compromete a capacidade de o sujeito realizar experiências intelectuais, provocando sérios danos à formação humana.

Adorno e Horkheimer (2006) revelam o conflito como contradição, dissolvendo a rigidez do esclarecimento ao expressarem que a instrumentalização da razão atinge, de forma impetuosa, a sociedade como um todo e apresenta indícios que orientam a regressão da humanidade. A racionalidade orientada para fins é a essência desse esclarecimento totalitário que separa o intelecto crítico da experiência sensível para submetê-la à dominação dos sentidos, o que significa o empobrecimento do pensamento e da experiência. A racionalidade técnica formaliza e distancia a linguagem de suas dimensões imagética e sonora e fragmenta o significado literal da palavra. Nessa perspectiva, na crítica à razão instrumental há a revelação que, por trás da objetividade da linguagem formalizada e das exigências de verdade da ciência positivista, ocultam-se as determinações de autoconservação e dominação.

A contradição também se expressa no entrelaçamento entre mito, dominação e trabalho contido em Homero. A narrativa homérica faz alegoria da arte e da cultura no mundo administrado que correlacionam o lazer, o prazer e a fruição com a racionalidade administrada do trabalho. Nessa racionalidade, a indústria se apropria dos produtos culturais e inibe a capacidade das massas de pensar e falar por si próprios, ofuscando o exercício de pensar criticamente, de “poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 41) negando-lhes os pressupostos para a autonomia.

A dialética entre mito e esclarecimento expressa a contradição necessária para o entendimento da forma que a razão assumiu em resposta à contradição objetiva da sociedade. Na busca pelo progresso, a razão converte-se em irrazão ao assumir a forma de aparato de controle, de instrumento útil e necessário ao capital. Essa racionalidade explicativa e dominante se exerce contra a própria humanidade, justificando a barbárie em um movimento que não analisa os fins do exercício da razão, mas se concretiza como meio (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Assim, a esperança de melhorar, fundamentalmente, a existência humana, de superar uma organização social pautada na dominação de classe, perde a razão de ser.

O esclarecimento pela razão não foi suficiente para transformar as bases materiais que produzem a organização social de dominantes e dominados, por um lado, seu conteúdo da promessa de libertar os homens das relações de medo e submissão foi abstrato, por outro, abdicou-se de seu sentido ao não se realizar como forma de libertação. O esclarecimento só pode ser revolucionário se o conteúdo, o conhecimento como essência objetiva se realiza como forma (BRAGA, 2017).

O exercício de transformação demanda um processo reverso ao esclarecimento moderno, requer uma rememoração da natureza humana no sujeito com o objetivo de torná-lo dialético, consciente das condições objetivas e as determinações que produzem essa forma de organização social e que impõe obstáculos ao exercício do pensamento crítico. Uma educação para o esclarecimento e para a emancipação, no sentido de resgatar a reflexividade do pensamento, sem perder de vista os conteúdos que a realidade, mediatizada pelo conhecimento científico formativo poderia fornecer, de revelar e refletir sobre a falsidade encoberta pela verdade aparente em um mero sistema técnico.

Sendo assim, seria possível falar de um projeto de educação que resista à conciliação

das contradições sociais na aparência, independente das mediações históricas que determinam a realidade. Um conhecimento científico que apreende a contradição opõe-se à mera adaptação e mostra a falsidade no plano da vida real efetiva, denuncia o modo como os homens são enganados na promessa de liberdade, e fornece elementos para refletir sobre o passado e o presente e se perguntar sobre o futuro da humanidade.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRAGA, I. A dimensão material e a dimensão estética: a relação entre forma e conteúdo na apropriação de Karl Marx pela Escola de Frankfurt. **Constelaciones. Revista de Teoria Crítica**, [S. l.], v. 8, n. 8-9, p. 312–332, 2017. Disponível em: <http://constelaciones-rtc.net/article/view/1086>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BRANT SCAREL, E. A teoria crítica da sociedade e a educação para a formação humana: pontuações para se repensar os processos formativos na perspectiva emancipatória. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S. l.], n. 29, p. 56–70, 2018. DOI: 10.26512/resafe.v0i29.21006. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/21006>. Acesso em: 8 jun. 2021

COELHO, I. M.; GUIMARÃES, G. Educação, Escola e Formação. **Inter-Ação**. Goiânia, v.37, n. 2, p. 323-339, jul./dez. 2012.

DUARTE, R. **Adorno/ Horkheimer & A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HORKHEIMER, M. Meios e fins. *In*: HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 11- 68.